

PORTO ALEGRE, 20 DE FEVEREIRO DE 1881

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 1

PARA A CAPITAL; Trimestre 2\$500—PARA FORA DA CAPITAL: Anno 10\$000

## REVISTA LITTERARIA

Surge hoje no mundo da publicidade a *Revista Litteraria*. Não traz um programma rico de promessas. Não vem sequer amparada por um nome, que faça de logo a sua recommendação.

Exhibe-se na arena da imprensa, modesta, vasia de pretensões, tão só com o objectivo de abrir caminho a essa mocidade brilhante do Rio Grande e recolher as produções com que ella dia a dia ornamenta a litteratura patria.

Houve já na provincia, entre outros, um periodico com fins iguaes aos que adoptamos — *A Arcada*, de Antonio Joaquim Dias.

Não aspiramos mais do que alcançar os mesmos resultados que obteve aquelle hebdomada-rio, cujas paginas forão illustradas por talentos de primeira ordem.

A *Revista Litteraria* aceita a collaboração de todas as pessoas que se consagrão ás letras; pede mesmo o concurso desses laboriosos moços que na imprensa e na tribuna teem dado tão levantada idéa de suas felizes aptidões.

Aquelle que só por dedicação pessoal ao proprietario da *Revista*, aceita o penoso encargo de redactor em chefe, sabe bem que titulo algum litterario justifica a posição que assume; mas, conhecida a razão da temeridade a que se abalança, alimenta a convicção de que de parte de seus collegas como da do publico encontrará a benevolencia que nunca foi recusada aos fracos que são os primeiros a conhecer-se taes.

E agora que está dito o sufficiente para que a *Revista* dê o seu primeiro passo, bafeje-a o favor dos que o podem prestar, e venha o esforço de cada um firmar a sua existencia no grande scenario das letras.

## A ESCRAVIDÃO

Saráo da *Associação Litteraria Gabrielense* de 4 de Dezembro de 1880

Um nosso consocio, estreando-se nesta tribuna no saráo solemne de 8 de dezembro do corrente anno, tratou de um assumpto, que é todo de actualidade, e preoccupa as cabeças de muitos pensadores de nosso paiz; elle, ouvindo os sentimentos generosos, e aproveitando o festejo que faziamos ao feliz anniversario da liberdade da patria e emancipação da ignorancia, soltou um brado eloquente em favor do misero escravo, stygmatisando a barbara lei que o considera uma cousa, sujeita á vontade justa ou injusta de um seu igual pela natureza.

Como vós, que me ouvis, dei a devida attenção ao desenvolvimento de seu interessante discurso, promettendo a mim mesmo secundal-o nesta tribuna, onde a benignidade da associação ainda uma vez me collocou.

Sem que possa trazer mais luz sobre o assumpto, tão vantajosamente elucidado, contento-me em assignalar, no que vou dizer, a minha adhesão á idéa meritoria que aqui foi desenvolvida.

Não sou dos que pensão que são maos os que não abrem mão, de chofre, de um direito de que ha muito estão de posse, e ver-se-hião de um instante para outro despojados desse elemento pre-

sentemente necessario ao seu serviço pela força do costume, que constitue uma segunda natureza; sou dos que entendem que a escravidão é um mal e um escandalo, que deve ser abolida por uma forma equitativa, sendo um assumpto que caminha a par da reforma dos costumes, condição *sine qua non* de nossa felicidade.

Não podemos jamais ser um povo nobre, na expressão lata da palavra, conservando uma instituição condemnada não só pela lei natural, como pela civilisação.

Um eminente pensador o disse com o mais perfeito acerto: «Na natureza não ha nem nobres, nem plebeus; nem amos, nem escravos; ha homens, filhos todos do mesmo pai, que é Deus.»

Debaixo do imperio desta verdade, exclama: «que povo se atreverá a vender escravos?»

Ninguém que pense um pouco deixará de reconhecer a exactidão deste principio, infelizmente desprezado por nós, que aliás pretendemos os foros de nação civilisada.

Se os nossos maiores aceitarão com a independencia politica o triste legado que em má hora nos transmittirão, não nos constituirão por isso no dever de manter um direito, que sendo uma iniquidade, é tambem um alimento ao cancro que layra perniciosamente em nosso seio, concorrendo para a perversão dos costumes e endurecimento de nosso coração.

E, pois, compete a nós, que temos a responsabilidade do presente, trabalhar esforçadamente para que o mais breve possivel fique extinto esse mal, que todos conhecemos e urge remediar; convem que a propaganda permittida pela lei, occupe a todos os espiritos generosos, que são a parte activa e benefica da humanidade, e caia essa propaganda como a gota diaria na pedra, rompendo o gelo compacto do egoismo, moeda corrente de todas as sociedades, como o sentimento mais em voga no mundo.

Posso fallar com a competencia de quem dá o exemplo.

Homem pobre, libertei dois escravos, e sirvo-me hoje com pessoas que me não pertencem senão pelo dever e respeito que existe do famulo para quem lhe paga o salario; e á fé o digo, ainda não arrependi-me um só momento do que fiz, nem me sinto prejudicado na differença do serviço.

Consideremos, debaixo de todos os pontos de vista, essa instituição dá direito ao homem sobre o homem, e concluiremos que por todos os lados lucrámos em vel-a extinta.

A creatura tem coração e sente; a liberdade é a sua mais ardente aspiração, porque é ella o primeiro dos bens, diante do qual todos os outros são insignificantes, como bem disse Epitecto; com elle os outros são desnecessarios, e sem elle impossiveis.

Pois bem! O captivo, manietado pela escravidão, suffocado pela oppressão em seus affectos mais intimos e legitimos, não pode de certo, vivendo sob o peso da desesperança, aninhar em sua alma um benefico sentimento. Dahi essas scenas de todos os dias, que a sociedade profliga com horror, mas que são a consequencia natural do seu erro em continuar a agrilhoar á escravidão, e embrutecida, uma parte da humanidade, para quem o Céu se apresenta sempre fechado, sem um raio de esperança, que é a promessa de melhores dias.

O escravo é inimigo natural daquelle que julga seu algoz, e faz elle o mal que pode, não só ao senhor, como á familia deste, e a todos quantos pensa terem uma parte na triste condição a que foi eternamente votado; com o fingimento no agrado para disfarçar muitas vezes o mar revolto do odio que lhe referve dentro, morde moralmente quando não pode rasgar as carnes do alvo de sua raiva.

O nosso lar é mau, a educação da infancia pessima, devido sem duvida ao demonio da escravidão, que assentou a sua tenda nesse centro intimo, onde só deve respirar-se pureza e paz, e onde muitas vezes dão-se scenas que constituem a desgraça de toda a vida; e esta verdade, que é sentida tanto pelo ignorante como pelo avisado, não demove a certos espiritos refractarios á luz, que, á despeito de tudo, reluctão em reconhecê-la, aprazendo-se em insultar o seculo que marcha acompanhando o progresso das idéas, e o desenvolvimento moral do mundo.

Esses espiritos vasados no molde do egoismo sordido e da avareza intransigente, que vêem tudo pelo prisma da conveniencia individual, são entretanto contradictorios nessa parte; porquanto, bem pensado, o seu interesse lhes aconselharia uma norma differente daquella que guia a sua conducta: o premio dos capitaes empregados na propriedade escrava é por si sufficiente para pagamento do serviço livre, a contento proprio, sem o risco nem os encargos provenientes dessa propriedade.

O homem ama a familia e adora a patria, dando á humanidade o affecto recommendado

por esse santo principio exarado nas leis de Deus.

Pois bem! O escravo a ninguem ama; elle não tem familia, porque esta não lhe obedece, nem tem o direito de amal-o, curva-se á vontade do senhor commum; não tem patria, nem lar, porque está constantemente á mercê do capricho, da vontade ou do interesse de quem o possui, vende o ou manda para onde lhe apraz; não tem amor á humanidade, porque não pode amar nem aos proprios filhos, essas doces porções de si mesmo, a quem muitas vezes nem lhe é dado acariciar; desconhece Deus, porque não crê que um ser infinitamente bom, como se diz, o creasse sujeito eternamente a um seu igual pela natureza: Não é isto horrivel?!

Ha alguma cousa neste mundo comparavel a essa tristissima condição?

Basta de carregar o quadro ja de si medonho.

Nos felicitemos, Srs., porque se avizinham os tempos em que a sociedade brasileira, livre dessa funesta instituição, occupará com todo direito um lugar honroso no banquete da civilização; é impossivel a continuação da vida que ella leva, mantendo em seu seio livre essa pungente ironia, a escarnece-la todos os dias, a todas as horas, a todos os minutos.

E, enquanto não sôa a hora da redempção para o captivo, e da verdadeira liberdade para este paiz, que avança todos os dias na senda do progresso material, trabalhemos empenhadamente para que, relativamente, diminua o numero dos infelizes a quem a natureza, como a nós, concedeu desejos e sentimentos que vivem sopitados, causando-lhes a desventura; trabalhemos para que a luz se faça nos cerebros ignorantes, e todos comprehendão e executem aquella sentença do immortal Platão: — é na procura do bem alheio que achamos o proprio.

GERALDO DE FARIA CORRÊA.

### A' Revista Litteraria

De um edificio nobre a formosura  
Me attrahe, mas sem ousar approximar-me  
Apenas o contemplo;

Quando vejo ante mim abrir-se a porta,  
Que as riquezas internas me occultava,  
Do grandioso templo.

Descrever o que vi!... Baldado intento!...  
Só sei que nesse templo vi altares,  
Formosos, deslumbrantes!  
Que nelles uma deusa, altiva e bella,  
Recebe adorações, cultos e flores  
Viçosas e odorantes!

Convidarão-me a entrar; porém ao brilho  
Das luzes que la dentro scintillavão,  
Sentia-me cegar!  
Tentando caminhar, meu passo incerto  
Parecia evitar tanto esplendor,  
E ainda mais vacillar!

O que deve sentir triste mendigo,  
Se o fazem penetrar em regios paços,  
Foi isto o que senti!  
Pois não era um arrojo temerario,  
Quem vivera nas sombras, esquecida,  
Ir penetrar ali?

Mas a pobre viuva da Escriptura  
Entre as grandes esmolos não temeu  
Seu obolo levar;

E eu venho, entre as mil flores primorosas,  
Em culto ás letras patrias reunidas,  
Pobre flor collocar.

Mas sem poder vencer a timidez,  
Que me impede passar além da porta,  
Que me foi entreaberta;  
Eu fico ao limiar deste edificio.  
Erguido á diva *Idéa*, e ahi deponho  
Esta mesquinha offerta.

ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA.

### A'SCENÇÕES

Ha creaturas que, sahidas da ultima camada social, sem que possuão mesmo attributos superiores, e meramente por capricho da sorte, ascendem a uma altura notavel, engravando seu nome nos annaes da historia dos grandes vultos.

Com a simples leitura facilmente se compila porção desses factos.

E' o lado democratico das paginas historicas juntando hombro a hombro o typo do grosseiro plebeu ao ataviado perfil de um qualquer aristocrata.

E não é só: momentos ha em que as pedrarias de uma imperial corôa são atiradas á lama das ruas por esses perigosos comediantes do povo.

Um exemplo: a Du Barry e o vicioso Luiz XV.

Quando imaginaria esse orgulhoso povo francez que a pensionista da casa de jogo da Sra. Gourdan levaria tamanho peso á balança de seus destinos?

Como suppor que a amante de Nicolao Mathon, criado de hotel, instigaria o rei Luiz XV a demittir Choiseul, seu primeiro ministro?

Como se operão taes acontecimentos relacionando entidades distanciadas por tão differentes posições é o que facilmente não se concebe; mas, no entanto, não poucas vezes se dá.

São as extremidades de uma grande linha encurvando-se até fecharem em circulo.

E a parte superior é de ouro, a inferior de ferro: o ouro de per si é muito fragil; — o ferro só por si é muito forte; para chamar-se aço é apenas necessario preparal-o e no trajecto que faz para ligar-se á ponta eminente effectua-se o que o serralheiro chama tempera.

Talvez por isso a parte que sóbe encerra em si maior força resistente do que aquella a que se liga.

Foi assim que Du Barry reinou na França com toda a autoridade outorgada pela sensualidade do mais infame dos monarchas que o mundo tem visto.

Não houve muita difficuldade na transição notoria na posição dessa mulher.

Era bem talhada de corpo e muito formosa quanto bastava para influir nos sentidos desse Luiz XV ainda não fatigado por uma existencia de cincoenta e oito annos passados na mais detestavel dissolução.

Uma cejata em Versailles decidio da sorte de Joanna, que assim se chamava, fazendo-a reinar bem dignamente ao lado de seu augusto amante.

As facecias e desenvoltura de que deu mostra afogearão a velha carne desse sultão, ja muito mal aquecida pelo sangue fumegante dos rapazes extraordinariamente desaparecidos de Pariz.

Afinal, para complemento do bom successo

de Joanna Voubernier, um irmão do conde João Du Barry, de nome Guilherme, assignou termo de responsabilidade esposando essa *virgem* e entregando-a com escrupulosa lealdade ao seu augusto soberano.

E urgente era que a celebre marquezia de Pompadour tivesse substituta para reinar boa direcção na «Tapada dos Veados», serralho aonde o rei ajuntava suas odaliscas, arrancadas á casa paterna pelo absolutismo da concupiscencia do inviolavel reinante.

Durante oito annos a Sra. Du Barry exerceu todo o dominio sobre a governação de uma potencia, jungindo aos seus libertinos caprichos a vontade imperial desse famigerado principe.

Assim correu a filha de Gomart de Vaubernier todas as escalas sociaes, sem outro attributo mais do que aquella belleza com que foi dotada.

E sustentou-se quasi na mesma altura até a hora em que, por assim dizer, a França revolucionada foi levar-lhe de presente ao palacio de Louveciennes a decepada e livida cabeça de seu ultimo amante o Sr. de Brissac.

Tambem não demorou a ir buscal-a para ser por sua vez entregue ás mãos do algoz.

For certo que ella não merecia tal castigo, porém Pariz sempre será o grande theatro onde se exhiba toda a variedade de scenas.

Seu nome, não obstante, figura ao lado do de muito illustre francez, e não é de admirar pois que um dellés, o satyrico Voltaire, quando a vio tão altamente collocada, foi tambem significar-lhe seus respeitos.

Talvez seja esse o ponto mais notavel na ruidosa existencia da celebre corteza.

SILVA DE ALBUQUERQUE.

## ANTHITESE

Essa tua a'tivez descommunal,  
O teu olhar indomito, insolente,  
Tem a attracção nervosa da serpente,  
E a rigidez sombria de um punhal!

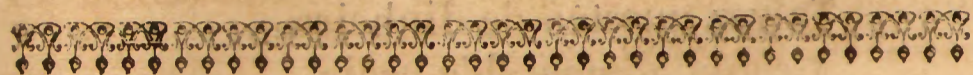
Ha não sei que de frio e canibal  
No teu sorriso ironico, mordente;  
Quando passas derramas no ambiente  
Um secreto perfume sensual!

As linhas de teu corpo deslumbrante  
Fazem scismar, olympica bacchante,  
Nas indecisas curvas do luar!

E eu vi-te ha pouco, ó sceptica devassa,  
Como o sombrio archanjo da desgraça  
Lacrimosa curvada ante o altar!

SILVINO VIDAL.

Rio Grande — 1880.



## UM DESEPERTAR

—FRAGMENTO—

Quando acordei erão dez horas; forão mesmo as ultimas vibrações do tympano no relógio da sala de jantar que me despertarão.

Levantei-me sobre um cotovello como se aquelles sons tivessem para mim o poder de uma pilha electrica.

Olhei em redor; o quarto tinha uma debil claridade, escoada pelos filamentos das cortinas cor de purpura que guarnecião as janellas. A mais tenue aragem não as atufava; as vidraças e gelosias estavam fechadas.

Reinava em toda a habitação pesado silencio, apenas interrompido de quando em vez pelos trinados dos canarios e gritos vibrantes de uma araponga, que vinhão do lado da varanda.

No meio dessa monotonia geral alguma cousa despertou-me de chofre desse entorpecimento moral, em que o somno mergulhara-me. Era o ruido compassado da inspiração e respiração de alguém que se achava junto de mim.

Então acudirão-me á mente, de tropel, todas as emoções que sentira desde a vespera, n'uma confusão que causava-me doloroso atordoamento.

Nesse momento fez-se ouvir o grito estridente da araponga, e um estremezimento percorreu-me os nervos, como se eu não estivesse acostumado a ouvi-lo.

Pouco a pouco fui acalmando, e a minha vista cahio machinalmente sobre a forma estendida a meu lado.

Encarei aparvalhadamente as feições daquelle que desde a noite que acabava de findar era meu marido, e estranhei-o: parecia outro.

As palpebras cerradas não me deixavão ver os seus olhos, nem brilhantes pelo desejo, nem amortecidos pela saciedade.

Os labios semi-abertos mostravão-me horriavelmente a feia a falha de um dente, que antes tanto me attrahia, e nos cantos da bocca formara-se uma espumasinha branca que se ia ahi coallhando como dois fios de prata na borda na borda de um cadinho.

Os cabellos emaranhados contrastayão decididamente com o frisado elegante do penteado de pastinhas da noite antecedente.

O bigode ericado não tinha mais o lustro sedoso da vespera.

E a claridade amortecida pelas cortinas escarlates tingia-lhe as faces do nacarado das bonecas de cera.

Decididamente o idolo de ouro do meu ideal tinha pés de barro, e eu quebrara-os casando.

E ao contemplar-lhe a physionomia assim alterada, interrogava me a mim mesma:

Será este o homem a quem consagrei todos os sonhos da juventude, todas as illusões de moça?

Será este o homem que eu via ajoelhado a meus pés, que tinha sobre a minha mão uma tão pequena como ella quando junto ao altar recebia de meus labios balbuciantes o *sim*, que era a verdadeira expressão do amor?

Será este o homem que vi entrar commovido nesta alcova, que me estreitava soffregamente nos braços, cobria-me de ardentes beijos, e diante de quem eu fechava os olhos como que retendo o goso que causava-me a musica suave de suas palavras amorosas?

Será este que...

Neste momento fez se ouvir novamente o grito da araponga.

Um ligeiro estremezimento agitou-o, e elle descerrou vagarosamente as palpebras.

Eu estava um tanto reclinada sobre a sua cabeça; a minha bata desabotoara-se com o dormir e o meu collo achava-se inteiramente a nu.

O seu olhar, cravando-se em mim, tomou tal brilho, que instinctivamente levei a mão aos seios, ao passo que todo o sangue parecia affluir-me ao rosto.

Sentia uma dorzinha no cotovello, pela posição em que estava, e deixei-me cahir na cama.

O seu olhar não me deixava.

Começou então a dizer-me umas cousas leves, sem sentido proprio, que eu não comprehendia, mas emergião-me n'um langor a que não podia furtar-me.

Elle ergueu-se um pouco — as faces coradas, os cabellos em desordem; os olhos brilhantes con-

tinuavão a envolver-me, causando-me inexplicável atordimento.

Não o achava bello, não enxergava nelle o elegante de antes, mas não sei que attrahia-me para si, nem o que impedia-me de atirar-me nos seus braços e cobril-o de beijos.

Percorria-me todo o corpo calor desusado; sentia-me sob a influencia de um agente desconhecido.

Então já não estranhava a transformação de seu semblante. Era o primeiro passo para a consubstanciação do meu ideal na realidade do meu marido.

Elle continuava a fallar-me de futilidades, mas em um tom alquebrado, doce como o trinado das aves que parecia servir-lhe de acompanhamento.

Não mentirei se disser que nesse instante o meu pensamento perdera a mobilidade. To nara-me toda a imaginação a imagem de meu noivo.

Cantou a araponga... cantou com a insistencia do malho ferindo a bigorna, e o som penetrante da lima cortando o ferro.

A esse canto elle estremeceu commigo. Abaixou-se um pouco e murmurou-me ao ouvido, com acento estranho, vago, indefinivel... um pedido — uma ordem...

Do lado do gabinete de minha irmã mais moça chegavão-me as primeiras chorosas notas de uma languida walsa que ella começava a tocar ao piano.

Elle balbuciou :

— Lembras-te?...

Fôra ao som dessa musica que tratamos casamento.

Quando minha mãe entrou acompanhada da creada com o classico chocolate, encontrou-me conversando amigavelmente com meu esposo.

E' que o ideal desaparecera como as visões dos meus sonhos da juventude, dando lugar á mais agradável das realidades.

Porto Alegre, 81.

M<sup>ME</sup> DE ASCYRO.



### Historia em tres capitulos

Impressões

Não sei que magua persegue  
O meu visinho Isaias,  
Que o vejo ha mais d'oito dias  
A fundo pezar entregue.

Tão prasenteiro era outr'ora,  
A rir-se sempre disposto...  
Por certo fundo desgosto  
Lhe pesa no peito agora !

Talvez amor mallogrado  
Lhe transtornasse o miolo...  
Mas sendo assim, é bem tolo  
O meu visinho — coitado !

Talvez questão de dinheiro. .  
A conta alguém lh'a pedio. .  
Mas qual ! quem é ja vio  
*Afflicto* um bom caloteiro?

Eu vou perder alguns dias,  
Mas hei colher a gloria  
D'expor ao publico a historia  
Do meu visinho Isaias.

#### I

O meu visinho em menino

Isaias Joel Cabeça d'Alho  
Nasceu de pais amantes ao trabalho  
E tementes a Deus; uns pais modelos !  
Mas que tinham seu tanto de camellos,  
Pois que á força d'amor aquelle filho,  
Criarão-n'o um tratante, um peralvilho !  
Tomarei desde a escola o meu heroe...  
Vejam desde ahi o que elle foi...

Isaias, de menino,  
Foi refractario ao estudo,  
Mas, travesso sobre tudo,  
Passava por ter bom tino.

Se fôra um pateo a escola,  
Se a penna fôra um pião,  
Que poço d'illustração  
Não seria o mariola !

Ninguem mais destro e sagaz  
Em apará-o na unha !  
Das rodas que então compunha,  
Era sempre o capataz !

O pai — coitado ! — sorria  
Vendo do filho a viveza :  
— Ah ! minha boa Thereza !  
Temos um filho ! — dizia.

« Irá longe, eu te garanto ! »  
 Accrescentava o bom pai.  
 Do olho da velha cai  
 Em fios de goso pranto.

La vinha o trasgo da rua...  
 Todo roto... esbaforido...  
 (Depois de haver commettido  
 Uma ou outra falcatrua)

Por portas dentro enfiava,  
 Suando como um cavallo,  
 Corria a mãi a beijal-o,  
 Corria o pai e o abraçava !

Emtanto, o bom do Isaias,  
 Tocado da *graca* ás vezes,  
 De dois em dois, ou tres mezes,  
 La ia á scola dois dias !

Isto dito, quem se arrisca  
 A soltar agora um pio,  
 A dizer que este vadio  
 Não ficou burro na bisea ?

Ah ! ninguem ! E aqui termino  
 Deste continho ligeiro  
 O capitulo primeiro,  
 O meu visinho em menino.

JUCA.

## REVISTA DA SEMANA

Escrevo á *ultima hora*.

Palliando, palliando, á espera de que o amigo proprietario confiasse a outrem mais habilitado esta difficil tarefa de chronista, deixei-me surprehender pelo sabbado, e agora, *noblesse oblige*, tomemos a cruz e sigamos caminho do Calvario.

O peor é que estou em serios apuros.

Estou compromettido a assistir hoje a uma diversão familiar, e está a pingar ahí o meu Cyreneu, pessoinha de quem fallarei ao leitor.

Assim, sem mais nada, e a *vol d'oiseau*, fallemos da semana que hoje finda.

\*\*\*

Invertendo a ordem natural, comecemos pelo

fim

Occupemo-nos do que tem sido assumpto para commentarios em todas as rodas.

Não entra a gente em loja, armazem, casa de modas, sala de visitas, boticas etc. que lhe não disparem á queima-roupa esta interrogação :

— E o *Primor*, hein ? Que lhe parece o tal *Primo* ?

— Eu bem dizia que dava em droga, accrescenta logo um.

— E puderão acreditar n'um sandeu como o tal Virissimo, objecta outro com a alegria de quem não comprou quinhões.

— Cá por mim nunca elle me enganou...

Seria um nunca acabar referir a saraivada de apostrophes ao inventor falhado.

A meu turno pergunto aos leitores :

— Já virão o parecer da commissão official que examinou o *Primor* ?

E a carta que o engenheiro gazista Henry Gore dirigio a proposito ao redactor da *Gazeta* ?

Pois si não, procurem lel-os nos jornaes diarios.

O pobre Sr. Virissimo, de estopada em estopada, deu uma afinal que esborrachou-lhe as ventas (que ja não erão la muito apertadas).

Quem lhe mandou pedir exame de engenheiros ? Não podia ir ganhando mais algum tempo, e mantendo a illusão dos que, como o amigo Quaresma, o tinham na conta de um Deus ?

Bem feito para não ser precipitado e leviano.

Porque não disse antes que para mover-se o machinismo precisava de uma peça de que só o senhor tinha o segredo, e que só na côrte podia ser pelo senhor mesmo promptificada ?

Alguns credulos mais despião-se de quanto tivessem para arranjar-lhe dinheiro, e o senhor ia para o Rio... e... era uma vez o *Primor*...

Ficando; querendo ainda dizer que a commissão não sabe o que escreveu e menos o que vio; argumentando com a falta de peças indispensaveis, quando este negocio de pressão do ar tem sido uma *peça* formidavel, o Sr. Virissimo não dormirá sobre as flores que lhe ia levar ao elegante trapiche a ingenuidade feminina conduzida pela *habilidade* dos passadores de quinhões.

Em todo este desastre *primoroso* dóe-nos de veras o estado do amigo Maurilio. Crente, talvez a exceder ao Sr. Quaresma, o que se terá passado no seu espirito depois da naufragada tentativa.

Eu que li os telegrammas daqui passados para as folhas do sul e da côrte, dando como magnifica a experiencia do dia de Natal (que coragem!),

espero ver brevemente um neste theor mais ou menos :

« Dito por não dito. Invenção gorada. *Primor* a morrer falta ar. Commissão engenheiros desmascarou cousa. Todos bocca aberta.»

Convenhamos, leitores, foi uma peça bem pregada a quem la tem cobres.

Entretanto, perdendo, estes mesmos lucrarão: ficão agora sabendo que sem garantias se não deve entregar o fructo de economias ao primeiro maniacó que nos apparece dizendo que inventou isto e aquill'outro, que as nações da Europa vão ficar embasbacadas com a descoberta, que a Inglaterra ficará ralada de inveja, que o mundo inteiro disputará o privilegio e outras quejandas parvoices de cerebros leyes.

A commissão official explicou bem a sua opinião, e só me resta a respeito do *Primor d'Arte* dizer o *parce sepultis*.

Amigo Virissimo, um conselho : cresça e então appareça.

\*  
\* \*

A grande commissão internacional que tem de dirigir os festejos publicos por motivo da passagem da nova lei eleitoral, que admittio a elegibilidade de acatholicos, naturalizados e libertos, reunio-se um destes dias.

Assentou em limitar os festejos a uma grande passeata, que se dirigirá ao palacio do governo a cumprimentar o delegado do imperador como representante do gabinete 28 de Março, e os senadores por esta provincia, a cujo esforço se deve a adopção da idéa que motiva a manifestação.

A festa será de dia, e com o esplendor possível nas forças dos recursos da commissão, que dispensou a collecta publica.

Consigno nesta chronica a manifestação que se projecta pela razão de que é a primeira vez, si não me trahe a memoria, que vejo uma commissão verdadeiramente cosmopolita, pois estão nella representadas todas as nacionalidades.

Mao grado a dissidencia que se abriu entre os allemães a proposito desta publica homenagem por um acontecimento notabilissimo na historia politica deste imperio, acredito que a commissão se salvará de fiasco.

\*  
\* \*

Vai abrir-se brevemente o theatro.  
Já era tempo.

O publico tem fome de espectaculos dramaticos.

Isto de zarzuelas e companhias lyricas é como o *Prado Rio-Grandense* : não é para todos.

Ali só se ouve cantar e paga-se mais dinheiro; com as companhias dramaticas o *zé-povinho* entende mais ou menos o que vai pela scena e custalhe menos.

Venha, venha quanto antes o Sr. Simões Borges.

Verdade é que nos traz artistas e repertorio ja nossos conhecidos e um tanto estafados; mas, ainda assim, que chegue o mais breve possível.

Dizem-me que a Clementina está outra; ja faz chorar de veras, ella que nos incitava a rir quando tinha de chorar.

Dias Braga - o mesmo; censurão-lhe agora destacar tanto as palavras para pronuncial-as sem omissão d'uma syllaba, ao ponto de prejudicar o effeito do que está dizendo.

Fallão-me da Sra. Bellido, aquella sympathica creatura das *Duas Orphãs*, cada vez menos viva e scintillante ainda nas scenas mais fortes e apaixonadas; do Sr. Simões Junior, que é bom galã e bom musico; d'um Sr. Muniz, que é actor de merito...

Emfim, brevemente fallaremos por propria observação, e diremos o nosso juizo sem paixão e sem favor.

\*  
\* \*

O Carnaval nos bate á porta.

Iniciou os folguedos desta quadra febricitante o *Theatro de Variedades* com os seus grandes *bailes á phantasia*.

As sociedades preparão-se com entusiasmo, e é de acreditar que o Carnaval de 1881 deixará a perder de vis'a os dos annos anteriores.

E tudo isto apesar do artigo do nosso collega da *Gazeta*, que diante da porção de diversões que traz a sociedade porto-alegrense em constante preocupação, pergunta horrorizado:—Para onde vamos?

— Para o baile responde o meu Cyreneu, de ponto em branco.

Não ha resistir á tentação, especialmente porque ha um romance em meio e preciso é dar-lhe um fim, ainda que não haja remedio senão atar se pelos sagrados nós o

MACARIO MATHIAS.